

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)

Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	800 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$100 »
India, China e America.	1\$280 »

Editor e administrador

JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

Redactor

A. PEIXOTO DO AMARAL

Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 34

Condições da assignatura (com brinde)

Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$500 »
Numero avulso	100 »



SUMMARIO

Devoção a Maria, Mãe de Deus e Mãe dos homens—SECÇÃO DOCTRINAL: *O Espiritismo*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *A Vida depois da Morte*, pelo snr. A. Moreira Bello.—SECÇÃO HISTORICA: *Convento e freguezia de Mancellos—Memorias historicas*, pelo rev. Padre José Victorino Pinto de Carvalho.—SECÇÃO LITTERARIA: *O problema de Lourdes (versão do francez)*; *Mendicidade*, pelo sr. João de Deus; *Auxilio dos christãos*, pelo snr. A. Moreira Bello; *Deus m'o deu . . .*, pelo snr. Alves d'Almeida; *Crentes e descrentes, romance de propaganda religiosa*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral; *Sonho*, pelo snr. Alves d'Almeida; *Academias e universidades*, pelo mesmo —SECÇÃO ILLUSTRADA: *S. Demetrio, Bispo e martyr*; *Loth e sua familia*.—SECÇÃO NOTICIOSA.

Gravuras: *S. Demetrio, bispo e martyr*; *Loth e sua familia*.



S. Demetrio, bispo e martyr





DEVOCÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria.—Admirae o que se vos offerece á vista, d'um e d'outro lado, e escolhei o que mais admirardes: ou a benignissima dignação do Filho, ou a excellentissima dignidade da Mãe. D'uma e d'outra parte, a admiração, o milagre (S. Bern.).

Invocae a Maria.—Nada, senhora, vos eguala, porque tudo quanto existe, ou é superior a vós ou inferior a vós: acima de vós só está Deus, abaixo de vós, está tudo quanto não é Deus! (S. Anselmo.).—Ave, Rosa, por cujos meritos resurgimos com Christo, subimos até Christo, e com Christo folgaremos por toda a eternidade (B. Jos. Steinf.).

Alegrae a Maria.—Dando graças a Deus pela alta dignidade, que conferiu a Nossa Senhora.—*Promovendo a recitação do Rozario pela palavra e pelo exemplo.*

Ll.

SECÇÃO DOCTRINAL

O Espiritismo

NÃO quizemos, até ao ultimo numero do *Progresso Catholico*, fallar acerca d'este assumpto, tam pouco auspiciosamente inaugurado pelo *Jornal de Noticias*, por vermos o silencio systematicamente guardado pelos nossos collegas que militam no jornalismo catholico, e que até ahí haviam guardado prudente silencio sobre essa verdadeira innovação litterario-espirita.

Agora, porém, que elles ergueram a sua voz auctorizada; agora que a imprensa religiosa do paiz começou a reprovar a innovação jornalística que já não pequenos prejuizos tem causado a certas pessoas menos fortes, vamos tambem erguer a nossa voz para censurar essa infelicissima lembrança, que em nossa humilde opinião, já de ha muito devera ter sido prohibida pela auctoridade competente.

O espiritismo não é novidade, porque ha muitos annos é conhecido. Dizem que na China, muitos annos antes

de Jesus Christo, já os bonzos no tempo de Confucio, (500 annos antes da era christã) evocavam os espiritos, para d'essa forma enganarem os papalros e conseguirem os seus fins. Enganam-se pois os que confundem o espiritismo e o mesmerismo.

Este ultimo, comquanto não esteja ainda officialmente reconhecido pela sciencia, é um facto irrecoavel, porque se prende com o systema nervoso, e por meio d'um certo effluvio, transmittido do magnetizador para o magnetizado, produz certos effeitos physiologico-magneticos que originam maravilhas.

Quando o Dr. Mesmer, no principio do seculo que finda este anno, fundou a sua theoria do magnetismo animal em que os proprios doentes haviam de declarar a sua molestia e ao mesmo tempo o remedio que lhes devia restituir a saude, foi escarnecido e tido como charlatão por todos os medicos seus collegas. E todavia alguma coisa se aproveitou da sua invenção, porque pondo de parte alguns excessos devidos ao charlatanismo, qualquer coisa havia de verdade na sciencia que o estudo e o acaso lhe fizeram inventar.

E o affluvio magnetico, transmittido pelo magnetizador para o paciente que se prestava a ser hypnotizado, fazia com que este, sendo mais ou menos lucido, cahisse n'uma especie de modorra, transformada depois n'uma rigidez caracteristica, a que se deu o nome de catalepsia, e, assim disposto, fosse o intermedio entre o magnetizador e uma terceira pessoa, para desvendar um segredo, seguir a pista d'uma pessoa, ler um documento guardado a distancia, etc. Mas para que estes factos se dessem; para que o magnetizador e a pessoa por elle hypnotizada realisassem estas maravilhas, a ponto de que por meio da auto-sugestão a pessoa magnetizada respondesse a uma pergunta feita na mente do magnetizador, e pensasse segundo o seu modo de pensar, não era necessario a *meza de pé de gallo*, nem a evocação dos espiritos.

Isto é realmente inacreditavel que se faça; e custa a crer que um individuo medianamente instruido, que *conheça bem a doutrina christã* e siga as maximas do Evangelho, vá de caso pensado fechar-se n'uma sala, para evocar o espirito d'uma alma que Deus chamou a dar contas dos seus actos, e retem no purgatorio até de todo se purificar, para poder gosar a sua presença no paraíso!

Pois se Deus, no Evangelho, não consentiu que o rico avarento, que gemia nas chammas do inferno, obtivesse, que Lasaro, que elle via no seio de Abrahão, fosse prevenir a sua familia da desgraça irremediavel que lhe havia succedido, afim de evitar que lhe

succedesse outro tanto, *porque havia deixado a lei e os prophetas*, —como havia de consentir, que a alma d'um seu filho, que estava cumprindo uma sentença que Elle proprio decretara, se ausentasse do logar que lhe marcara para vir á terra, evocada por um motivo futil, responder o mais das vezes, a frivolidades pueris?

De modo algum podia ser.

E que se segue d'ahi? Um dilemma fatalmente logico; isto é: ou é redondamente falso tudo quanto esses jornaes teem para ahí dito, contando factos picareescos, anedoctas interessantes, e historietas macabras, ou que é uma ficção diabolica tudo quanto ahí se representa aos olhos dos espectadores. De duas coisas, uma. E d'este dilemma não ha que fugir. No systema de Mesmer ha a verdade scientifica, ha uma realidade palpavel que qualquer pessoa pode presenciar, sem offender as suas crenças religiosas, nem offender a Jesus Christo, pretendendo tirar do repouso a alma dos nossos irmãos que o Eterno tem a depurar-se para gosar da visão beatifica, *unico fim para que foi creada*. No espiritismo ha uma impiedade manifesta, por se atrever um membro da Igreja militante a ir perturbar o socego d'um seu irmão, filiado na igreja purgante, para o obrigar a vir á terra, afim de o interrogar, e expôr á jocosidade d'algum *espirito forte* que quizesse zombar d'elle.

Eis porque desejaríamos que a auctoridade intervisse.

Pois não acham todos estupidamente burlesco ir evocar a alma de Pericles, e d'Alcibiades? Pois pode alguem crer em semelhantes tolices? E se esses espiritos viessem á terra, em que lingua haviam de de fallar? Na lingua ateniense, fallada 400 annos antes de Christo?

Valha-nos Deus com tantas excen-tricidades!

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A Vida depois da Morte

Com este titulo, e com licença da auctoridade ecclesiastica, acaba o benemerito editor catholico snr. José Fructuoso da Fonseca de publicar um importante opusculo, com XIII-124 paginas de texto, devido á penna do snr. J. S. F., que não tenho a honra de conhecer, ou cuja personalidade me não é possível descobrir debaixo d'aquellas tres modestas iniciaes.

Lamento que a minha incompetencia me inhiba de dar uma opinião

breve, mas segura, sobre o valor e merecimento d'este livro: não sou theologo para julgar da sua orthodoxia; não sou homem de sciencia para apreciar devidamente os principios e argumentos.

Vejo, porem, que a auctoridade ecclesiastica, representada pelo illustre governador do bispado do Porto, o ex.^{mo} e rev.^{mo} snr. dr. Coelho da Silva, auctorizou a sua publicação, e, alem d'isso, que escriptor tão distincto e respeitavel como o rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz dá sobre a obra favoravel parecer, considerando-a como um bom livro, que nada tem que discorde das verdades religiosas, e cujos argumentos estão de harmonia com a Escripura sagrada e com as doutrinas da Igreja; e concludo que a minha humilde opinião, ainda que para a dar tivesse predicados que em mim fallecem, seria superflua e escusada.

O scopo da obra do snr J. S. F. é combater o moderno materialismo, nos ultimos tempos apregoado entre nós com tanta audacia e philautia, como grosseria e espirito sectario, e demonstrar a espiritualidade e immortalidade da alma humana, e como consequencia necessaria uma vida eterna depois da morte do corpo, vida de premio ou de castigo consoante e merito ou demerito da vida terrena. E' o que o auctor explana nos sete capitulos em que divide o seu livro, o meu ver proficientemente.

Escrever elle, como declara, para os homens de fé e de sciencia: como homem de fé, cumpre-me consignar que a leitura d'este livro me deixou gratas e consoladoras impressões; aos homens de sciencias compete, que não a mim que a não possuo, avaliar-o sob este ponto de vista.

Não é um livro popular, mas é um livro digno e louvavel, e em todo o caso, parece-me, um livro christão, que, triturado e mastigado, como pede o auctor, deixará o espirito mais confirmado na crença da nossa immortalidade.

A. MOREIRA BELLO.

SECÇÃO HISTORICA

Convento e freguezia de Mancellos

CAPITULO VI

Litigios

Era esta Igreja, como vimos, reitoria secular de livre collação do Ordinario, sem que ninguem tivesse o direito de apresentação.

Entretanto os Conegos Castreiros

e depois a Ordem de S. Domingos, que os substituiu, contestaram algumas vezes esse direito ao Arcebispo de Braga, sendo sempre repellidos pelos tribunales competentes essas pretensões.

A permanencia de duas entidades tão distinctas—os parochos da freguezia e os religiosos—a exercerem duas funcções na mesma Igreja, dava logar a frequentes conflictos de que resultaram pleitos debatidos e porfiosos, como vamos vêr, passando em revista os documentos que existem no cartorio.

*
* *

Em 1505 houve questão entre o Reitor Domingos Pires e o Prior Castreiro, sobre a administração da Confraria do Rosario, que pertencia ao Reitor como foi decidido contra o Prior, que pretendia chamar a si essa administração.

Em 1600 pretenderam o Prior Castreiro e os Conegos do convento annullar a apresentação e provimento do Reitor Manuel da Costa, por concurso. Houve demanda renhidissima, que durou cinco annos, durante os quaes foram proferidas tres sentenças conformes a favor do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus.

Em 1634 renovou-se a questão; e houve nova sentença confirmando as anteriores.

Entre os Religiosos e o Reitor Julião Dias houve questão, sobre a quem pertencia apresentar o Cura. A sentença de 27 de janeiro de 1620 decidiu que a apresentação pertencia ao Reitor e pagar-lhe era obrigação dos conventos de Amarante e Villa Real.

Em 22 de outubro de 1620 foi proferida sentença, obrigando os ditos conventos a cuidar da fabrica da Residencia, Igreja e seus altares.

O Reitor Julião Dias (1616 a 1627) fez demandar os conventos para reedificarem a capella de Nossa Senhora da Porta, que estava em ruinas; opposeram-se os frades, allegando que devia ser demolida, segundo as ordens do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Contrariou o Reitor, que precisava d'ella para a administração dos Sacramentos, e foram obrigados os frades a reedificá-la.

Mais tarde foi esta capella demolida e reedificada na quinta da Aldeia, no logar da Gateira.

*
* *

A 5 de novembro de 1633, foi proferida sentença, na Legacia, sendo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha e Reitor Gonçalo Teixeira, em que se

ordenou que não apresentassem os conventos parochos n'esta Igreja, sob pena de excommunhão *ipso facto*, e sob a mesma pena se não oppozerem á provisão d'ella pelo Arcebispo e seu Ordinario, em concurso.

Pelo mesmo tribunal foi, em 26 de agosto de 1634, fulminada pena de excommunhão contra os Priores dos conventos, por pretenderem sustentar o direito de apresentação e perturbarem a collação ordinaria.

*
* *

Pelos annos de 1684 a 1692, sendo Reitor Manuel Cerqueira do Couto, houve questão com o parochos de S. Thiago de Figueiró, a respeito do logar de S. Payo. Este logar pertencia á freguezia de Mancellos, e a ella continuou a pertencer, mas era curado pelo parochos de Figueiró, por ficar mais perto da sua Igreja, mediante a quantia de dous mil reis annuaes, pagos pelos conventos de Amarante e S. Domingos, de Villa Real.

Em 1521, tinha o Arcebispo D. Diogo de Souza confirmado Alvaro Teixeira, Reitor d'esta freguezia, em capellão das Capellas de S. Payo e S. Thomé, de Pidre. Em virtude d'esta confirmação, recebia o Reitor os dizimos dos dous ditos logares; pelo que os povos d'esta freguezia diziam que o parochos d'ella era Reitor de Mancellos e Abbade de Pidre e S. Payo.

Por despacho de 13 de outubro de 1699, mandou o Arcebispo D. João de Sousa que a chave do Sacrario estivesse em logar certo e sempre á disposição do parochos.

Parece que os frades nem sempre observaram esta ordem do Arcebispo, por quanto não a encontrando uma vez o parochos no logar do costume, seguiu-se questão, que terminou por um termo, lavrado na presença do Dr. Provisor de Braga, a 8 de dezembro de 1712, onde compareceram o Reitor e o Vigario do convento. Em virtude d'esta composição, obrigou-se o convento a ter a chave em logar certo, e a abrir a porta da Sacristia, sempre que fosse necessario, de dia ou de noite.

O Parochos tinha sacrario no altar da Senhora do Rosario, mas só lá encerrava o Santissimo Sacramento durante a exposição das Quarenta Horas e Semana Santa, em que pertencia aos Religiosos expôr o Senhor. Durante estas solemnidades, dava o Parochos a communhão do dito Sacrario.

*
* *

Existe um documento d'uma questão, em que se patentêa a má von-

tade, que havia entre o Reitor Luiz de Souza Podrê e os Religiosos. Pegavam-se por qualquer coisa.

Tinham estes um creado, o cosinho, que era casado e tinha a mulher no lugar de Polhaes, onde ia pernoitar algumas vezes na semana. Em 1715 desobrigou-se este creado, como familiar do convento e não como parochiano da freguezia. Não se conformou o Reitor e deu-o como rebelde. D'aqui se originou uma questão magna, de requerimentos, informações d'ambas as partes, velhacarias, picardias, contestações, que terminou por o Arcebispo dar razão ao Reitor, e mandar que o creado, dentro de cinco dias, se confessasse como parochiano e fosse absolvido da excommunhão.

Em 1716 negaram-se os Religiosos a franquear o Sacrario ao beneficiado Manuel Ribeiro de Gouvêa que, por ordem do Reitor, hia dar a communhão. Este deu força dos Religiosos e obteve sentença favoravel.

*
* *

Parece que tambem surgiram duvidas a respeito do numero de religiosos, que deviam assistir aos officios, que se faziam na Igreja, pelos defunctos; por quanto em 12 de setembro de 1671, concordou-se que fossem cinco e não mais.

O cantaro de trazer a agua para os baptismos, tambem foi motivo de polemicas. Parece que uns e outros tinham pouco de que cuidar, aliás não occupariam o tempo com estas insignificancias. Senão vejam o documento seguinte:

«Em 6 dias do mez de julho de 1745 annos, deram os frades o cantaro, para trazer a agua para se baptisar as creanças, porque tem essa obrigação; e por duvidas que n'esta occasião houveram, se determinou eram obrigados a o darem, pois era obrigação de sacristia; e para em todo o tempo constar, fiz esta declaração aos nove dias do mez acima.

O Reitor, Antonio Pinheiro do Lago.»

*
* *

Era o convento obrigado a dar sacristão, para ajudar ás missas e satisfazer as mais obrigações do seu cargo, para o que os conventos de Amarante e Villa Real davam 4,000 reis annuaes. Se faltava o creado, que exercia o cargo, serviam os religiosos leigos; mas intendendo estes que, nos domingos e dias santos, não precisavam encommodar-se, porque não faltava na Igreja quem ajudasse á missa, não appareceu no dia 21 de

dezembro de 1734 ninguem do convento, que satisfizesse aquella obrigação.

O Reitor não esteve com meias medidas, nem explicações; tratou logo de demandar os frades, por acção de força, que não teve seguimento, porque logo no domingo seguinte, se apresentou quem ajudasse á missa e fizesse o mais que era necessario.

*
* *

A respeito das casas de residencia houve grandes e demoradas questões, pretendendo os Reitores e os visitadores, que os Religiosos as accrescentassem, por serem acanhadissimas.

Seguiram-se appellações, embargos, vistorias, replicas e treplicas, sendo por fim proferido um Accordão que mandava augmentar a casa, em data de 2 de maio de 1737.

Em, obediencia a este Accordão, foi feito um pequeno augmento na casa, com o que por então se julgaram satisfeitas as mais urgentes necessidades.

Obra mais importante foi feita, como já disse, em 1825, sendo Reitor João Lopes de Carvalho; mas ainda assim, por ficar mui defeituosa a ligação da nova obra com a velha, não tem a residencia as commodidades precisas. Mas assim vae servindo.

*
* *

Em junho de 1737, em presença de duas testemunhas, fez o Reitor Francisco Xavier Brandão sequestro na terça de S. João, em poder de Manuel Moreira, de Travanca, rendeu dos Religiosos de Amarante e Villa Real; a qual terça importava em 370,000 reis, segundo a declaração do rendeiro.

Este sequestro devera ser feito para obrigar os frades a cumprir o accordão supra, a respeito do augmento da Residencia parochial.

Em 1796 ainda os frades se recusaram a pagar ao Cura, mas por sentença de 2 de dezembro d'aquelle anno, foram condemnados a pagar ao Cura e as custas do processo.

Em 26 d'abril de 1798, lavrou-se uma escriptura entre o Reitor José Pereira Nobre e os religiosos, em que estes consentiram na vedação do terreno, que está debaixo das janelas da Residencia, ficando livre o caminho de servidão, para os campos da cerca.

Finalmente em 1815, ainda os religiosos intentaram apresentar parochio, apesar das sentenças contra, que já tinham recebido; opposeram-se

pois ao concurso e collação do Reitor João Lopes de Carvalho, pretendendo levar a causa, como donatarios da Corôa.

Houve demanda que foi decidida a favôr da Mitra.

*
* *

Fallemos por ultimo d'um processo ruidoso, que devera produzir no seu tempo grande alarme entre os povos.

O Reitor Luiz de Souza Podrê (1704 a 1733) não encontrando livro de usos da freguezia, confeccionou um, que fez assignar, em grande parte de cruz, por trinta e cinco freguezes. Os mesarios da Confraria do Subsigno e outros freguezes, a que nos documentos se dá o nome de *homens de falla*, embargaram alguns capitulos dos ditos usos, e a questão foi levada á Justiça Ecclesiastica de Braga, cuja sentença foi favoravel ao Reitor.

Mas os *homens de falla* e os mesarios do Subsigno eram de rija tempera, appellaram para o Summo Pontifice, que então era Bento XIII.

Tomou este conhecimento da questão, e mandou passar, em julho de 1725, um Rescripto Apostolico, em virtude do qual encarregava, por sua ordem, os Reverendos Doutores Bernardo d'Azevedo Carvalho, Manuel dos Reis Bernardes, e Sebastião do Prado Lobo, Conegos da Sé do Porto, de examinarem a questão e sentencarem, como fosse de justiça.

Foi a sentença dada e assignada pelo primeiro nomeado, a favor dos appellantes, em 19 de março de 1727. E sendo intimada á Justiça Ecclesiastica de Braga, mandou-a esta cumprir em 2 d'abril de 1727.

(Continua)

PADE JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

SECCÃO LITTERARIA

Dr. Salles

O PROBLEMA DE LOURDES

(Versão do francez)

(Continuado do n.º 19)

«Se elle tivesse a bondade de me participar o dia da sua chegada, eu mesmo me encarregaria de o pôr em relações com a irmã Maria-Bernarda, e para que elle não possa conceber duvida alguma sobre a identidade da mesma irmã, pedirei ao procurador

a República que se digne apresentar-lh'a. Em seguida ser-lhe-ia dada a respectiva licença para a *examinar* e *interrogar* durante todo o tempo que lhe approvesse.

«Pelo que me diz respeito, prometto ser amavel quanto se pode ser.»

Este convite a um tempo delicado e energico, permittia que se fizesse *luz completa* sobre a supposta loucura de Bernardette.

Infelizmente não foi accete, e ao inverso da famosa Pandora, o Doutor Voisin *nada respondeu*.

Por sua vez o ardente M. Artus dirige no seu *Desafio publico*, a seguinte intimação ao Doutor Voisin:

«Depuz dez mil francos nas mãos de M. Turquet, meu tabellião, offerecendo-me para demonstrar: que Bernardette, a vidente de Lourdes, não está nem jamais esteve *internada* no convento das Ursulinas de Nevers.

«Estou resolvido a não lhe deixar subterfugio algum.

«Ou uma confissão pura e simples.

«Ou um *silencio* equivalente a uma confissão.

«Ou um inquerito que o confundira.»

O doutor Voisin, cada vez mais mudo, continuou a não responder.

M. Artus dirige-lhe então estas palavras severas. «Permitta-me, senhor, que termine por uma reflexão que se faz a todos que, como V., têm a honra de fallar ao publico pela palavra ou pela penna. Qualquer homem que, n'estas condições *affirma* ou nega factos d'um tal alcance, sem os ter *verificado* ou *estudado*, commette um crime social, porque atraiçoa ou perturba a consciencia d'essas classes mimerosas que não têm tempo nem a faculdade de fazer por si mesmas semelhante exame e *confiam* por isso n'aquelles que se arrogam a missão de as ensinar.»

Nós não seremos tão severo como M. Artus, porque attribuímos a má posição do Doutor Voisin a uma d'essas imprudencias de linguagem que escapam a *theoricos*, que, para servirem uma these justa em si, querem ferir a imaginação dos seus ouvintes por um facto sensacional.

Pelo que diz respeito ao assumpto que nos occupa n'este momento, consideraremos o *silencio* do Dr. Voisin unicamente como o equivalente da *confissão* pura e simples do bom estado *mental* de Bernardette.

*
* * *

Em resumo o testemunho do Doutor Dozous, o relatorio dos tres medi-

cos de Lourdes indigitados pelo prefeito dos Altos-Pyreneos, a carta tão explicita do Doutor Robert St-Cyr d'um lado, o silencio *significativo* do Dr. Voisin, do outro são *documentos irretutaveis*, que provam em absoluto que Bernardette *não era louca*.

Bernardette não era allucinada

As visões de Bernardette não eram em summa mais do que um effeito da *allucinação*. Eis a magna palavra que os pontifices do anticlericalismo empregam para explicarem as aparições de Lourdes.

A allucinação, esta palavra cuja sonoridade cava pôde contentar em rigor alguns cerebros vazios, não pôde comtudo ser applicada *scientificamente* ao estado particular de Bernardette.

*
* * *

Que é effectivamente a allucinação?

A allucinação é a *expressão morbida* d'um cerebro enfermo ou que está prestes a sel-o.

Tal é a theoria scientifica geralmente admittida em nossos dias.

Se as visões de Bernardette tivessem sido *provocadas* pela allucinação, se a pastorinha estivesse *allucinada*, resultaria d'este facto mesmo que ella estava *louca* ou que brevemente ia sel-o.

Eis a explicação scientifica das palavras imprudentes do Doutor Voisin que declarava *á priori* que Bernardette era louca.

*
* * *

O relatorio official dos medicos de Lourdes não ousou concluir no sentido da loucura, mas emittiu uma fraca hypothese relativa a allucinações.

Estes medicos eram *logicos* n'este momento, pois que não acreditavam no character sobrenatural das visões de Bernardette, e *sientificamente* estavam no direito de dizer sorrindo: «Nós conhecemos tudo isto; antes de um mez esta creança terá perdido a razão.»

*
* * *

O estudo attento do estado mental de Bernardette provou que ella *nunca* havia estado louca; logo é necessario confessar que a *theoria scientifica* da allucinação applicada ás visões de Bernardette recebeu n'este caso particular um cruel desmentido.

*
* * *

Por outro lado, é geralmente admittido pela sciencia que a allucinação anda *sempre* acompanhada d'uma

excitação, e todos sabem por experiencia que o *sonho* produz esta mesma situação.

Ora a allucinação não é mais do que um *sonho* no estado de vigilia.

Bernardette não teria pois devido *fazer excepção* a esta regra, se as suas visões tivessem sido allucinações.

Vejâmos a *prova* do contrario feita pelo Doutor Dozons *presente* ás Apparições: «Tomei, diz elle, um dos braços de Bernardette e appliquei os meus dedos á arteria radical. O pulso era *tranquillo*, regular, e a respiração facil: nada na mocinha indicava *sobre-excitação nervosa*, tendo reagido sobre todo o organismo d'uma maneira particular.» (1)

O Doutor diz-nos ainda: «Apóz as estações religiosas e o extasis que então experimentava, Bernardette abandonava o logar das suas orações sem *fadiga*, sem experimentar *prostração dos membros* nem *canção*.» (2)

E assim verificamos um novo *entorse* á theoria scientifica da allucinação.

*
* * *

Diz-nos ainda a sciencia que a allucinação não *cria* nem *inventa* cousa alguma.

Como explicar pois a *descoberta* da fonte que Bernardette fez n'uma d'essas pretendidas allucinações?

Bem sabemos que a allucinação é capaz de augmentar n'um certo grau a delicadeza de certos sentidos, os da vista, do ouvido, por exemplo, e, n'estas condições, a descoberta da fonte seria *em rigor* explicavel.

Mas o estudo dos factos vem destruir esta hypothese.

Se, graças a uma allucinação do ouvido, Bernardette tivesse podido perceber o murmuro subterraneo da agua, que lhe era impossivel ouvir no *estado natural*, certamente se teria dirigido para o logar d'onde provinha o ruido d'esta nascente occulta.

A narração do Dr. Dozons presente á scena destróe absolutamente esta hypothese: «Bernardette, diz elle, levantou-se promptamente e dirigiu-se para as margens da torrente.» (3) Ora a torrente está n'um logar completamente *opposto* áquelle em que brotou a nascente e a fonte.

Se Bernardette tivesse *ouvido* o ruido da nascente da fonte não se *enganaria* d'este modo.

Foi pois sómente para *obedecer* ás ordens da *Senhora* que ella se dirigiu *admirada* para «o alto da Grutça,

(1) Dozons, La Grotte de Lourdes p. 36

(2) Dozons, La Grotte de Lourdes, p. 103.

(3) Dozons, La Grotte de Lourdes p. 50.

diz o Dr. Dozons, onde, para attingir um certo ponto, se viu *obrigada* a dobrar fortemente o corpo. ⁽¹⁾ A descoberta da fonte não *pôde* pois explicar-se por uma *allucinação do ouvido*.

*
* * *

A *allucinação da vista* não dá melhor explicação.

Importa recordar, a proposito, que *ninguém* em Lourdes tinha conhecimento d'esta nascente, e que o estado dos logares foi *verificado immediatamente* por numerosos visitantes presentes a esta aparição.

O Dr. Dozons «não quiz deixar a grutta de Massabielle sem ter *explorado com cuidado* as diversas partes do solo.

«Encontrei, diz elle, o solo *muito secco por toda a parte* excepto no logar em que Bernardette abrira com suas proprias mãos um pequeno orificio.» ⁽²⁾

Antes de aberto o pequeno orificio, o solo da Grutta era pois *muito secco por toda a parte*, e, n'estas condições, os olhos de Bernardette *allucinada não podiam ver realmente* onde se encontrava a nascente.

Por outro lado na posição em que ella estava, não podia *ver* o logar preciso da nascente que é muito ao fundo da Grutta, na *escuridão*.

A descoberta da fonte miraculosa não *pôde* pois ser explicada por uma *allucinação da vista*.

*
* * *

Em resumo, Bernardette não era *louca* nem *allucinada*.

Pronunciando a palavra *allucinação* a Sciencia não explicou *absolutamente nada*, e o estado particular das visões de Bernardette fica sempre um facto que escapa a todas as *theorias scientificas* da actualidade.

(Continua).

Mendicidade

—Não vá tão depressa,
Que eu fico sózinho;
Vá mais do mansinho,
Que a gente torpeça
Por este caminho.

—Mas, filho, anoitece
E luz já não temos;
Já quasi não vemos;
Depois, se anotiece,
Aqui ficaremos.

⁽¹⁾ Dozons, La Grotte de Lourdes, p. 51.

⁽²⁾ Dozons, La Grotte de Lourdes, p. 54

—Eu quero; e não posso,
Que eu não comi nada:
A mãe, de apressada,
Inda antes de almoço
Metteu-se ajornada.

—Mas, filho, desterra
Já essa lembrança;
Que a gente, se alcança
O alto da serra,
Descer já não cança.

—Chegar á altura
Talvez não consiga,
Que a fome me obriga;
Mas sinto tontura
De tanta fadiga.

—Ficar num deserto
E' um dosatino:
Tu tão pequenino!
E nós já tão perto
Do nosso destino!

—Ah mãe! que tristesa
Não ter uma choça!
Que a gente não possa,
Não safo em riqueza,
Mas ter casa nossa?...

—Em baixo, na aldeia,
Em casa do cura,
Se um pobre o procura,
Tem cama, e tem ceia
Até com fartura

—Tal cura é um santo,
Uma alma bem nobre,
Se assim trata o pobre,
Que Deus lhe dê tanto,
Que sempre lhe sobre.

—Sim, dizem que ás portas
Do santo velinho
Costuma um anjinho
Vir lá, horas mortas,
Pôr pão, carne e vinho.

—E que elle reparte
Depois pela gente
Já vou mais contente;
Talvez me inda farte
E durma bem quente.

JOÃO DE DEUS.

Auxilio dos christãos

Mãe bonissima, terna, e piedosa,
Dos afflictos mortaes consoladora.
Teu poderoso auxilio, gran Senhora!
Nunca embalde rogou minha alma anciosa,

Quer a favor da estremecida esposa,
De perigo imminente em mais de uma hora,
Quer da perola, de tanto amor credora,
Quanto é-nos dedicada e affectuosa,

Quer de mim proprio, peccador indigno,
Da terra nas miserias abysmado,
E tão prendido ao mundo vão, maligno!

Ah! se, embora tão mau, sou escutado,
Do que infindas mercês não será digno
Quem só para o ceo vive suspirado!

A. MOREIRA BELLO.

Deus m'o deu...

Houve um homem muito rico
Em tempos que já lá vão,
Mas que nunca foi iniquo
Como outros foram e são.

Attesta-o a caridade
Com que a muitos soccorria;
Certifica-o a bondade
Com que a todos acolhia.

Mas emfim, lá veio um dia
Em que o pobre se animava,
Porque o mal que progredia
Qual summo bem abraçava.

Perdeu bens, filhos perdeu,
Só não perdeu a consorte
Que a tudo sobreviveu,
Talvez que apezar da morte.

Ficou pobre, mas de graça
Cada vez mais abastado,
Que houve por graça a desgraça
Que o céu lhe havia mandado.

Sua esposa o reprendia,
Relembrando-lhe o passado:
—Que é d'esses bens, lhe dizia,
Que o teu Deus te havia dado?

—Deus m'os deu, Deus m'os levou,
Bemdicto seja o Senhor;
Mas pobre, pobre não sou,
Suspirava o bom doctor.

De meu mal queixas não faço,
Porque fazel-as não devo;
Na miseria o mal abraço
Que a maldizer não me atrevo.

—Mas o que foi que fizeste
Da riqueza que convinha?
Vive agora do que deste,
Tornava a espoza mesquinha.

A protecção onde mora
D'esse Deus que tanto crias?
Que é d'esse fausto em que outr'ora
Feliz, prodigo... vivias?...

—Acabou-se, já t'o disse,
Mas não blasphemem, mulher:
Foi o céu que quiz que eu visse
Que dá e tira a quem quer.



Lot e sua familia

Porém ella, furibunda,
Soprada por Satanaz. . .
Cada vez mais iracunda
Novas perguntas lhe faz. . .

Mas não consegue tental-o,
Porque o tal homem é Job ;
E tem por fim de deixal-o,
Deixal-o dar graças só.

Porem a Deus que elle amara
E que inda agora adorava,
De novo os bens lhe mandara
Em que elle já não pensava.

E depois, muito mais rico
Mais que dantes inda dava,
Que ante a historia, certifico
Que muita esmola espalhava.

E dez filhos inda teve,
Vivendo cento e trinta annos
Depois do tempo em que esteve
Soffrendo os males tyranos.

D'este amigo da verdade
Que esp'rava na Providencia
D'um Deus de summa bondade,
Quem nos dera a paciencia?

Como ao arabe bemdicto
Ornava a boa vontade,
E como esp'rava convicto
Na suprema Divindade !

ALVES D'ALMEIDA.

Crentes e descrentes

Romance de propaganda religiosa

I

Uma familia infelz

O dia 30 de julho de 1874 estava prestes a terminar. A atmosphera que até ao meio dia estivera clara, começava a encobrir-se, e ao fim da tarde grossas nuvens, precursora de tempestade, começavam a amontoar-se no horisonte, correndo, calliginosas, do noroeste para o sudoeste.

Davam seis horas na igreja da Trindade, quando da capella das Almas de Santa Catharina, onde n'esse dia, por ser quinta feira, se celebrára o Sagrado Lausperenne, vinham sabindo os devotos que assistiram á encerração do Santissimo Sacramento. Entre as pessoas que sahiam do templo, notavam-se duas mulheres, uma mais edosa que outra, ambas modestamente vestidas, mostrando pelo trajo serem mulheres do povo, embora a mais edosa se avantajasse um pouco á outra, no esmero do trajar.

—Ja me não lembro que a visse, snr.^a Luiza, disse para a mais nova, a mais edosa das duas. Você agora já apparece poucas vezes.

—Não é por minha vontade, que eu frequente menos as egrejas, do que o fazia n'outro tempo. Mas bem sabe que o não posso fazer, como fazia. Depois que minha filha adoceceu, sou eu só a fazer todo o serviço da caa, e por isso apenas posso assistir ao santo sacrificio da missa. A essa não falto eu nunca, mesmo porque moro perto, da igreja. Mas eu hoje, snr.^a D. Anna, vim aqui de proposito porque desejava fallar com a senhora.

—Commigo? Ora essa! Então que me desejava você dizer?

—Eu lhe digo, snr.^a D. Anna. A Senhora sabe que a minha Guilhermina está muito doente. O doutor já nada receita, e eu bem conheço que ella pouco pôde durar. Cada vez está mais fraca. . . aquillo é uma *luzinha* que está quasi a apagar-se. . .

—Mas então que quer você que eu lhe faça?

—Eu, nada, minha boa senhora. O meu fim é outro. Alem da minha filha estar doente, e eu me ter empenhado muito por causa d'ella, acontece agora outra desgraça. e éssa é muito peor que a outra.

—Muito peor? Então que lhe succedeu, boa mulher?

—O meu Manoel, que como a senhora sabe é muito religioso e temente a Deus, não passando uma semana sem se confessar, e ouvindo sempre a sua missinha, antes d'ir para o trabalho, teve a desdita de desagradar ao mestre da officina, que pelos modos é um pedreiro livre, que blasphema a todo o instante de Deus, e diz mal da santa religião que é mesmo uma pouca vergonha. . .

—Jesus, santo nome de Jesus!

—E como lhe ia dizendo, continuou a boa da Luiza, tomou-o entre dentes por elle ser religioso, chacoteava d'elle, chamando-lhe o *carola*, e o *santanario*; e hontem por elle se demorar mais um pouco a cumprir os seus deveres religiosos, despediu-o. Ora veja, snr.^a D. Anna como nós havemos de viver agora! A minha filha, sem poder trabalhar, e o meu Manoel desempregado!

—E que quer você que eu faça a tudo isso, boa mulher?

—Eu lhe digo snr.^a D. Anna. A senhora, ainda que não queira que lh'o chamem, é uma santa. Sei que tem feito muito em favor dos pobres, de quem tem sido mãe desvellada. E eu, vendo a minha filhinha a consummir-se, ralada pela tysica, que a chama para a sepultura, e o pae, privado de ganhar o sustento da familia, e vendo o meu Manoel a chorar, desgostoso,

por ter hontem e hoje procurado trabalho, sem o encontrar, lembrei-me da senhora, e disse para os meus: não se ralem, que Deus é pae. Eu vou a Santa Catharina procurar a minha comadre, pois sei que a encontro lá; expinho-lhe a nossa desgraça e confio em Deus, que alguma coisa ha de fazer por nós.

E as duas assim conversando, iam caminhando pela rua de Fernandes Thomaz, em direcção ao Bomjardim.

—Olhe, minha filha, disse a mais edosa das duas, eu sei que essa gente das seitas que lê o *Diario da Tarde*, onde se vomitam injurias contra a nossa santa religião, essa gente que tem ido á Sé fazer assuadas ao nosso santo prelado é capaz de tudo, para fazer mal aos pobres que amam a Deus. Tambem sei que o seu Manoel é bom, e não é capaz de fazer mal a ninguem. Mas eu não sei realmente o que possa fazer em seu beneficio. Não conheço fabrica nenhuma, onde o possa metter, nem hei de dirigir-me a esse pedreiro livre que anda n'este mundo para perder os filhos de Nosso Senhor. Que quer a comadre que eu lhe faça, ora diga? Eu, só se pedir por elle a Nosso Senhor.

—E já não era pequeno favor, que a comadre me fazia, porque Deus, Nosso Senhor havia de escutal-a. Mas eu alguma coisa mais espero do seu bom coração. Se a senhora não conhece donos de fabricas, como piamente creio, basta a comadre dizel-o, conhece as principaes familias da cidade, e basta só abrir a bocca, para o meu Manoel ser empregado. Olhe, minha boa senhora, que é uma casa de familia, que dentro em pouco está arriscada a morrer á necessidade.

Não respondeu logo a comadre á supplica da pobre Luiza, e as duas seguiram silenciosamente até chegarem á rua do Bomjardim. Ali chegadas, tomaram pela rua do Estevão, em direcção ao largo da Trindade.

Ambas iam silenciosas, e ao parecer, meditativas, mas a pobre Luiza, que cria sinceramente em Deus, não perdera de todo a confiança que havia depositado na protecção da sua comadre.

—Eu tenho aqui uma libra em ouro que recebi d'uma familia caritativa, para distribuir pelos meus pobres, como melhor entendesse. Entrego-lh'a a si, e já serve para as primeiras necessidades. Amanhã de manhã tencionava ir ouvir a missa do Senhor á Misericordia, mas irei ouvil-a a S. João Novo, e de caminho, como fica perto, desço até sua casa.

E a pobre da Luiza, que apesar da sua confiança em Deus, não podia acreditar no que ouvia, teve de render-se á

evidencia, quando viu que a sua amiga puchava d'um *porte monnaie* de ouro, e de dentro d'elle tirava uma libra em ouro, que lhe passou para asmãos.

Era bom tempo esse! Hoje já as caritativas senhoras, por muito boa vontade que tenham, não podem fazer outro tanto, porque depois da crise que nos assoberbou em 1891, já as libras não correm pelas nossas mãos, porque foram *residir* exclusivamente para casa dos cambistas, e não cahem nos nossos bolsos, senão por meio d'uma transacção cambial, em que o premio tem a parte mais importante.

Mas no tempo em que se passa a nossa veridica historia, corriam as libras esterlinas, como se fossem moedas portuguezas, e todo o operario que tivesse 750 reis de feria diaria, sabia que trazia ao sabbado uma libra em ouro para casa. E ás vezes não pouco trabalho lhe dava, para a trocar, tendo até de dar 30 e 40 reis d'agio para esse fim. Mas os tempos mudam, e o *Ceci tuera cela* do poeta francez ha de ser sempre moeda de eterno uso.

Haviam chegado as duas ao largo da Trindade.

—Oh! snr.^a D. Anna!—disse Luiza commovida—beijo-lhe as mãos, pela esmola que se dignou dar-nos. Creia, que, sem este recurso, que nem eu, nem o meu Manoel nos atreveriamos a pedir, já amanhã ia alguma coisa para o *prego*, tal é a desgraça em que nos vemos.

—Não diga nada a ninguem, a não ser á sua familia, e nós amanhã conversaremos. Se pudér venha á missinha, e vamos juntas; se não poder, eu la appareço. E adeus Luizinha, que eu tenho pressa. Olhe lá, não se esqueça de rezar o terço a Nossa Senhora, antes de se deitar, e confie sempre na Providencia, porque Deus Nosso Senhor é Pae, e sabe que nós estamos no mundo. E adeus até amanhã.

—Adeus, minha boa senhora, e conte com a minha gratidão.

—Não fallemos n'isso agora. Adeus até amanhã, e não se esqueça das minhas recommendações.

E a boa senhora, apezar da idade que apparentava, largou a passo ligeiro em direcção á rua da Conceição.

Luiza ficou parada um pouco, até que a perdeu de vista, quasi em frente ás escadas do Pinheiro. Depois desceu pela rua do Laranjal; e agil, como uma andorinha que leva o alimento aos filhos que estão no ninho, atravessou a Praça de D. Pedro, passou a rua das Flores e o largo de S. Domingos; e, embocando pela rua da Ferraria até cerca de meio, entrou n'uma casa, onde, no terceiro andar, residia com a familia.

(Continua)

A PEIXOTO DO AMARAL.

Sonho

Orgulhosos insensatos
Que de vós, não tendes nojo,
Rasgae os vossos retratos,
Debellae o proprio arrojto!

Magos prophetas da asneira,
Prezumidos sabichões...
Pasmae a vossa cegueira,
E olvidae-me, por quem sois!

Defensores do monturo,
Maldizentes por condão
Do bem presente e futuro,
Deixae-me, por compaixão!

Paixão, disse: e de repente,
Como quem d'um sonho esperta,
Julgo ver distinctamente
Cem asnos de bocca aberta!

ALVES D'ALMEIDA.

Academias e universidades

A primeira academia regular de que ha noticia, parece ter sido aquella em que Pythagoras leccionava n'aquella parte da Italia que foi chamada «Magna Grecia», aonde adquiriu grandes riquezas; e, a seu exemplo, se começaram a abrir outras em Athenas, como as trez denominadas «Velha, Media e Nova»: Na 1.^a ensinou Platão, na 2.^a Arquezilau e na 3.^a Lacedes.

Depois d'estas se estabeleceram: a Cyrenaica, leccionada por Aristo; a Eliaca, por Phozião; a Estoica, por Zeno; a Dialectica, por Clitomaco; a Erithrica, por Menodemo, e a Peripathetica, por Aristoteles.

A Athenas pois cabe a honra d'haber sido a fundadora da primeira universidade do mundo; mas alem d'estas outras houve na antiguidade:

Massilia e Khodes tiveram universidades celebres lá na sua velha antiguidade; e até os brâhmanes na India, tendo o famozo sabio Hiarchas sido leccionador n'uma d'ellas alem do rio Phyzon, aonde ensinava n'uma cadeia d'oiro.

O sabio Gamaliel fundou uma em Jeruzalem, aonde concorria grande numero d'estudantes de diversas partes, tendo S. Paulo sido um d'elles, para maior honra do professor, porque um sabio outro sabio fez.

N'esta academia esteve Jesus quando em Criança se perdera e sua Mãe e S. José o foram encontrar no Templo.

O imperador Vespaziano fez levantar outra em Roma; Trajano lhe juntou alguns collegios, ficando a seu cargo a alimentação de 5:000 estudantes, e Antonio Pio ordenou que de to-

das as partes do imperio viesse um certo numero d'alunos para estudar em Roma, que do erario publico se pagasse aos professores e se dêsse de comer a todos os estudantes de longe.

Depois d'isto ordenou Carlos Magno que esta universidade passasse para Pariz a cargo dos dois sabios Alcuino e Remigio, affamados professores na Gran Bretanha, tendo mais tarde chegado a ser chamada a «Athenas occidental», e a fornecer professores para a de Placencia, que depois Fernando II passou para Salamanca; porém ahi pelos annos de 1500 quiz cardeal D. Francisco Ximenes que Placencia tornasse a ter uma universidade, e lá a fez surgir, fazendo na alli vir os mais famozos lentes hespanhoes que ao tempo se achavam na de Pariz.

Quanto á nossa que hoje é uma das melhores do mundo, dacta do tempo do capitão Sertorio, que parece ter sido seu fundador, não sabemos em que ponto, d'onde D. Diniz a passou para Lisboa aonde esteve até D. João III, que a transferiu para Coimbra, cidade que actualmente bem merece o epitheto de «Athenas Portugueza».

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Demetrio, bispo e martyr

(Vid. pag. 229)

Começou este santo, que alguns historiadores denominam o *grande martyr*, e que viveu no 2.^o seculo da era christã, por ser militar na Thessalonica, (cidade da antiga Macedonia). Depois, graças ao seu zelo pelo christianismo, conseguiu ser eleito bispo, e foi tamanha a sua santidade. que fez não poucos milagres.

Accusado perante o imperador Maximiano Hercules, e sendo-lhe presente quando elle ia assistir no circo romano a um espectáculo de gladiadores, muito em uso n'aquelle tempo, foi mandado recolher n'un recinto, até que findasse o espectáculo, para ser julgado.

Findo o espectáculo, e tendo ficado o imperador mal humorado (talvez por lhe não ter agradado), não quiz ouvir o santo prelado, e ahi mesmo o mandou atravessar por uma lança. Succedeu isto no anno 304.

Pouco tempo durou Maximiano, depois d'isto, porque, tendo sido expulso por seu filho Maxencio, refugiou-se junto de seu genro o imperador Constantino, e ahi se degolou a si proprio, por ter sido preso por tentar assassinal-o.

* * *

Loth e sua familia

(Vid. pag. 235)

Dizem os livros santos, que 2:000 annos antes de Jesus Christo, quando o patriarcha Abrahão se estabeleceu, por ordem de Deus, em Haran, na Mosopotamia, levou tambem Sara, sua mulher, e seu sobrinho Loth.

Este foi depois levado para Sodoma (antiga cidade da Palestina) por Chodorlahomor, rei dos Elamitas, e ahi se estabeleceram.

Quando Deus quiz destruir Sodoma, indignado contra a deshonestidade dos seus habitantes, Loth foi salvo por dois anjos, que elle protegera contra os Sodomitas.

Fugiu com sua familia, allumiado pelo immenso clarão que projectavam as cidades de Sodoma, Gomorrha, Adama, Seboim, e Segor, abrazadas pelo fogo que descera do ceo.

Tendo, porém, sua mulher olhado para traz, contra a recommendação feita pelo anjo, foi transformada n'uma estatua de sal.

SECÇÃO NOTICIOSA

EXPEDIENTE

A empresa do «Progresso Catholico» agradece muito reconhecida, aos srs. assignantes que tem satisfeito as suas assignaturas. D'aquelles porém, que ainda não mandaram pagar, espera confiadamente a empresa que o façam o mais breve possível. O «Progresso Catholico» tem despeza certa e avultada, e se os srs. assignantes não pagarem pontualmente, são muitas as difficuldades que erlam á empresa.

* * *

Aos srs. assignantes do Brazil e Ilhas que não satisfaçam até ao fim do anno, ser-lhe-ha suspensa a remessa.

Bispo eleito de Moçambique

O *Diario do Governo* de 3 do corrente publicou o decreto de 29 d'agosto ultimo, nomeando prelado de Moçambique o Rev.^{mo} José Gomes Cardoso, conego da Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães. Falta agora que seja confirmada a nomeação pela Santa Sé para que o novo prelado possa ser sagrado.

Varias noticias

Terminaram no fim do mez passado

no Seminario conciliar de Braga os exercicios espirituaes para o clero. Concluíram com um solemne *Te Deum* em que officiou o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo Primaz.

Em seguida no edificio do Seminario houve um almoço em que tomaram parte o Exc.^{mo} Prelado e todos os sacerdotes que assistiram aos exercicios, em cujo numero entrou o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Conego Coelho da Silva, dignissimo Provisor e Vigario geral d'esta diocese.

—Espera-se no dia 20 do corrente S. M. El-rei o Snr. D. Carlos e sua esposa a Rainha D. Maria Amelia, acompanhada de seus augustos filhos. A familia real portugueza vem assistir á inauguração da estatua do infante D. Henrique, cujo busto ha dias estaciona no seu marmoreo pedestal, no jardim em frente á Associação Commercial. Projectam-se grandes festejos n'esta cidade, os quaes o *Progresso Catholico* relatará em chronica especial, no seu proximo numero.

—Está ha dias aberta, no seu antigo local da Rotunda da Boa-Vista, a feira do S. Miguel. Apesar de ter havido alguns dias chuvosos, ainda assim não podem os feirantes queixar-se da falta de concorrência, nem de terem feito pouco negocio. A's noites, pelo menos, tem havido grande concorrência de feirantes, e por conseguinte grande quantidade de transações. Deus os ajude, já que a *peste* os não ajudou no anno passado.

—Estão vagas na diocese do Porto as egrejas de Santa Maria Magdalena, no concelho de Gaya, e a de S. Miguel de Nevogilde, no concelho de Bouças.

—O ministerio do reino mandou dissolver as camaras municipaes de Redondo, Macedo de Cavalleiros, Paredes e Villa Real, mandando proceder a novas eleições, e nomeando as commissões que tem de gerir interinamente os negocios municipaes.

—Já foram presentes a Sua Santidade o desenho dos ladrilhos que hão de ser empregados no encerramento da Porta Santa. Estes ladrilhos, fabricados expressamente para esse fim, serão revestidos d'uma lamina d'ouro ou de prata, e terão d'um lado as armas pontificias, e do outro uma inscripção relativa ao jubileo. Depois de fechada, só tornará a ser aberta a Porta Santa, no anno de 1925, por occasião do proximo anno jubilar.

—Diz um nosso collega da provincia que viu ha dias um documento curioso, que mostra até certo ponto, como correm as coisas portuguezas. Era um titulo de divida, na importancia de 50\$000 rs., passado em meia folha de papel sellado, *illustrada* com os seguintes sellos: 1 de 200 rs., 1 de 40, 1 de

20 e 3 de 5 rs. (Verba do documento). —1 de 80 rs., 1 de 20, 1 de 5, e 1 de 2 reis (manifesto na fazenda). —1 de 100 rs., 1 de 50, 1 de 10, e 1 de 5, (apresentação). —1 de 5 rs, e 1 de 2 reis (baixa no manifesto). Total 16 sellos, alem do do papel que era sellado. Tem graça, pois não acham? E todos os 16 sellos na importancia total de 554 rs!

—O ministerio do reino denegou autorisação, por meio d'uma portaria, para que seja criminalmente demandado o administrador do concelho de Mesão Frio, José Carlos Rodrigues Coelho, por factos accusados pelo presidente da camara municipal d'este concelho.

Bella trança de cabello

Está sendo muito admirada na exposição de Pariz uma grossa trança de formoso cabello louro, que mede 2^m,20 da comprimento. Esta esplendida trança provém de uma joven normanda que ha dous annos, para salvar a familia de um apuro, a vendeu a um cabelleireiro parisiense por 300 francos. Os paes experimentaram grande desgosto; mas a joven ficou muito satisfeita por ter resolvido um problema que affectava a honra e a tranquillidade de sua familia. Actualmente a sua nova trança mede 70 centimetros e vae restituindo a formosura á sua gentil cabeça, que o cabello cortado desfeiziava.

A primitiva trança que a joven vendeu por 300 francos foi vendida por 1:000 francos, a um cabelleireiro de Pariz, e este vendeu-a por 3:000 a uma senhora que, como é natural, deseja guardar o mais rigoroso incognito.

As flores

Diz um jornal estrangeiro que se descobriu ultimamente a maneira de conservar flores vigorosas durante um mez. Consiste a descoberta no seguinte: Espargem-se as flores levemente com agua, e collocam-se dentro de jaras, onde se tenha lançado agua de sabão. Depois d'isto basta mergulhal-as todas as manhãs em agua pura, durante alguns minutos, e tornar a mettel-as na jarra. Dizem que não falha este processo. A's nossas leitoras não é difficil tentar a experiencia.

Trovoada

Cahiu sobre esta cidade no domingo 9 do corrente uma das mais temerosas trovoadas de que ha memoria. Durante toda a tarde que o céu esteve encoberto, ameaçando tormenta, mas só por volta das 7 horas é que a tempestade, se desencadeou, soberba, magestosa, empolgante. Os relampagos, d'uma pasmosa continuidade envolviam a ci-

dade n'um circulo de fogo. Dir-se-hia que estavam ardendo os arredores, ou que uma immensa área ostentava uma esplendida pyrotechnia, cujos arabescos igneos atravessavam o espaço d'uma a outra extremidade.

Na cidade cahiram varias faiscas, houve enorme susto, especialmente entre as senhoras, mas não houve prejuizos pessoases. Só n'essas occasiões é que o atheu reconhece a grandeza do Creador. Mas infelizmente passado o perigo, volta o demonio a imbuir-lhe as mesmas idéas.

Festa da cidade de Lisboa

Não sabemos se os nossos leitores teem conhecimento d'este facto. Se o não teem, fiquem sabendo que a Câmara municipal de Lisboa resolveu fazer no proximo anno de 1901 uma grande festa popular, á imitação do que se faz em algumas cidades estrangeiras, esperando que d'ahi se afiuram enormes proventos.

Agora annunciou a municipalidade lisbonense que recebia propostas para a collocação de barracas para a grande feira que ali se ha de realizar.

E' uma curiosa entrada de seculo.

«Folhas soltas»

Com a costumada regularidade, fomos visitados pelo n.º 6 do 2.º anno das *Folhas soltas*, excellente publicação de propaganda religiosa, de que é director o nosso bom amigo, o Rev.º Padre Benevenuto de Souza.

E' um excellente meio de morigerar as classes operarias.

Notas de 500 rs.

Prevenimos os nossos leitores de que só até o dia 31 d'este mez é que se trocam e giram as notas de 500 rs. do antigo modelo. Do dia 1 de novembro em diante, só se trocam no Banco de Portugal, em Lisboa.

Encyclopedia portugueza illustrada

Temos sobre a nossa banca o fasciculo 78 d'este magnifico dicionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 14 figuras e 701 artigos que vão desde *Caçaqueira* a *Cænogenia*. Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo, citaremos: *Cacau* e *Cacauero*, do snr. dr. Julio Henriques; *Cacem*, do snr. dr. João de Paiva; *Caconda*, do snr. cons. F. de Paula Cid; *Cadencia*, do snr. Ernesto Maia; e *Cadmio*, do snr. dr. Ferreira da Silva.

Continua a assignar-se este valiosissimo dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da Empreza Lemos

& C.ª, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º—Porto. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.ª, rua do Marechal Saldanha, 26.

Singular processo de contrabandear

Recentemente foi presa na Alfandega de New-York uma antiga actriz, accusada de ter passado, defraudando o fisco, diamantes no valor de 360 contos.

O processo que empregava era o seguinte: Fazia jejuar um seu cão durante dous dias; depois dava-lhe a comer bolos de carne, nos quaes mettia os diamantes.

Infelizmente para ella, foi tal a indigestão que apanhou o animal que este cahiu morto dentro da propria Alfandega. Os agentes fiscaes que desconfiavam da antiga actriz, lembraram-se de mandar autopsiar o cão, em cujo estomago foram encontrados não poucos e valiosos brilhantes.

Os templos de maior capacidade

A igreja de maior capacidade que existe é a de S. Pedro de Roma, onde cabem 45:000 pessoas.

Seguem-se: a cathedral de Milão, com capacidade para 37:000 fieis; a igreja de S. Paulo, de Roma, para 32:000; a cathedral de Colonia, para 30:000; a de Bolonha, para 25:000; a igreja de Santa Sophia, de Constantinopla, para 23:000; a de S. João de Latrão, em Roma, para 21:000; a cathedral de New-York, para 15:000; e a de Pisa e Santo Estevão, de Vienna, para 12:000.

Um caranguejo luminoso

Uma draga pertencente á Sociedade Zoologica de Calcutá pescou no Oceano Indico, apenas a uma milha de costa e por 45 braças de profundidade um caranguejo gigantesco e phosphorescente como nunca se viu outro igual.

Este extraordinario crustaceo mede 62 centimetros de diametro e as suas patas mais compridas teem perto de um metro; armado de terriveis pinças é de uma voracidade incrível, e os seus olhos salientes dão-lhe uma apparencia feroçissima.

Quando foi pescado, a marinhagem collocou-o, não sem difficuldade, n'uma grande tina de agua salgada, onde já estavam perto de 50 crustaceos e peixes de varias especies; em duas horas, o caranguejo gigante devorou tudo; quando chegou a noite, grande foi a surpresa dos zoologos ao descobrirem que o seu prisioneiro emitia raios phosphorescentes de um branco intenso muito caracteristico, illuminando toda a tina em cujo fundo se tinha agachado.

Actualmente este exemplar está no Aquarium de Calcutá.

ANNUNCIOS

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 103—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

—*—

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

Mez de Santa Izabel de Hungria

Traducção de M. FONSECA

I vol. broch.. 100. encad. 160.

A' venda no escriptorio do editor catholico ANTONIO DOURADO, Passeio da Graça, 41 a 43—Porto.

Conde de Samodães

O MEZ DOS FINADOS

Meditações
para todos os dias do mez
de novembro

INDULGENCIADO E APPROVADO

pelo Em.º e Rev.º Snr.

CARDEAL D. AMERICO

E PELO

Ex.º e Rev.º Snr.

D. ANTONIO BARROSO
BISPO DO PORTO

Preço 100. . . réis

MODO

DE

OUVIR MISSA PELOS DEFUNCTOS

E

Orações do bom christão

OBRA RECOPIADA

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

Com approvação e indulgenciado pelo Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Preço: Broch.. 100; enc. 160

Pedidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria n.º 74—Porto.

Catecismo de Perseverança

Está á venda o 7.º volume d'esta importantissima obra, que conclue com o 8.º, o preço d'este volume é de 1\$000 reis brochado, 1\$280 reis meia encadernação e 1\$360 reis encadernação de carneira.

Pedidos a Antonio Dourado, Passeio da Graça, 41 a 43—Porto, e em todas as livrarias.

REFUTAÇÃO DAS CALUMNIAS

DO
Norte contra o Bom Pastor do Porto

EXPLICAÇÕES DO SR. DR. NUNES DA PONTE

PELO
Padre Manuel Marinho

Preço 100 rs.

A' venda nas redacções da *Palavra e Grito do Povo*, na Typ. Fonseca—Picaria, 74 e nas principaes livrarias.

Catecismo contra o Protestan-

tismo, Composto pelo Cardeal Cuesta; Arcebispo de S. Thiago; approvado e recommendado pelo Em.º Cardeal Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 reis; 25—1\$000; 50—1\$700; 100—2\$800.

MEDITAÇÕES

PRATICAS DEVOTAS EM PREPARAÇÃO

PARA A FESTA DO

SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

PELO

Padre José M. Maufredini, J. S.

Traduzido do Italiano

Approvado pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio Bispo do Porto

1 vol. broch. 100
1 vol. enc. 160

A' venda em todas as livrarias e no escriptorio do Editor sr. Antonio Dourado, Passeio da Graça, 43—Porto.

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre AFFONSO MUZZARELLI
da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes exemplos extrahidos das obras de **SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO** e de outros bons auctores

om permissão do Em.º e Rev.º Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

QUARTA EDIÇÃO

Preço. cart. 160 reis
Broch. 100 reis

Catecismo para uso do povo

CONTRA O

PROTESTANTISMO

COMPOSTO PELO

CARDEAL CUESTA

Arcebispo de S. Thiago

Approvado e recommendado pelo Em.º Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

PREÇO

Cada exemplar	50
25	1\$000
50	1\$700
100	2\$800

As Tres Rosas dos Escolhidos

Traducção da 2.ª edição franceza

PELO

Ex.º Sr. Conde de Samodães

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

Approvada e recommendada pelo Em.º Sr. D. Americo, Cardeal Bispo do Porto e pelo Ex.º Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12 francos de porte, dirigindo-se ao editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto.

O editor faz grande abatimento a quem de-sejar fazer propaganda d'esta importante obra.

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

POR

O Abbade J. BERTHIER, M. S.

Vertido da 4.ª edição franceza

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço **600** reis.

O LIVRO DE TODOS

POR

O Abbade J. Berthier, M. S.

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700

GRANDE PROMESSA

Communhão das nove primeiras sexta-feiras de mezes consecvtivos. Preço de cada cento em cartão, 800; avulso 10 reis.

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula.

Um folheto broch., 50 reis.

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR

CARLOS H. PIEPER

REVISTO POR

Dr. Theologo Domingos de Souza Moreira Freire

Com permissão do Em.º Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

2.ª EDIÇÃO

Augmentada com o **Modo de ouvir a Missa pelos Defunctos**. Brochado **100**; enc., **160** reis.

Preces que por ordem de Sua Santidade o Papa Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos depois das missas rezada, em todas as egrejas do orbe catholico. Cento, em portuguez, 800; em latim e portuguez cada exemplar 50 reis.

LADAINHA

DO

Sagrado Coração de Jesus

Approvada para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII por decreto da S. C. dos Ritos, em 2 d'abril de 1899.

Cada cento. 600 reis
Avulsas 10 "

FORMA DA CONSAGRAÇÃO

AO

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Prescripta pelo SS. Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de Maio de 1899
Approvada pelo Ex.º Sr. Vigario Capitular Coelho da Silva

Preço em cartão 10